

1.

UM EXÉRCITO DE SEGREDOS

Se passeasse ao longo das fachadas cor de rebuçado de um bairro suburbano, na manhã de Natal, não poderia deixar de reparar como as casas, em todo o seu esplendor superficial, são semelhantes aos presentes embrulhados colocados por baixo das árvores de Natal no seu interior. Porque cada uma encerra os seus segredos. A tentação de apalpar e abanar os embrulhos é o equivalente a espreitar por uma nesga nas cortinas para poder vislumbrar uma família embrenhada nos afazeres da manhã de Natal — um momento roubado que é mantido afastado de todos os olhares curiosos. Para o mundo exterior, num silêncio tranquilo e, contudo, misterioso, que apenas existe nesta manhã, todos os anos, as casas alinham-se lado a lado como soldadinhos de chumbo pintados: peitos esticados, barrigas encolhidas, orgulhosos e protectores de tudo o que está no interior.

As casas na manhã de Natal são como arcas do tesouro cheias de verdades escondidas. Uma grinalda na porta como um dedo encostado aos lábios; persianas corridas como pálpebras fechadas. Depois, a uma hora indeterminada, para lá das persianas fechadas e das cortinas corridas, surgirá um brilho quente, o mais ínfimo sinal de que algo se passa no interior. Como estrelas no céu nocturno, que aos nossos olhos se iluminam uma a uma, e como minúsculas pepitas de ouro, reveladas à medida que são peneiradas num ribeiro, as luzes acendem-se atrás das persianas e das cortinas, à meia-luz da madrugada. À medida que o céu se enche de estrelas e que se fazem milionários, divisão a divisão, casa a casa, a rua começa a despertar.

Na manhã de Natal um ambiente de tranquilidade instala-se lá fora. O vazio das ruas não inspira medo — na verdade, tem o efeito contrário. É uma imagem de segurança e, apesar do frio da estação, há calor no ar. Por vários motivos, para cada família, é melhor passar dentro de casa este dia que se repete todos os anos. Enquanto lá fora está sombrio, no interior há um mundo de cores vivas e brilhantes, uma excitação de papéis de embrulho rasgados e de fitas coloridas esvoaçantes. A música natalícia, as fragrâncias festivas da canela e das especiarias e de tudo o que é bom enchem o ar. Exclamações de alegria, abraços e agradecimentos explodem como serpentinas. Estes dias de Natal são dias caseiros; nas ruas não se vê nem um pecador, pois até eles têm um tecto que os acolhe.

Só aqueles que vão de uma casa para outra pontuam as ruas. Os carros estacionam e os presentes são descarregados. Sons de cumprimentos alegres flutuam suavemente pelo ar frio, vindos de portas abertas, como um cheirinho do que está a acontecer no interior. Nesse momento, enquanto ali está com eles, absorvendo o ambiente e partilhando o convite — pronto para atravessar a soleira, como um estranho vulgar que se sente como um convidado bem-vindo —, a porta de entrada fecha-se e encerra o resto do dia, como uma advertência de que este momento não lhe pertence.

No bairro de casas de bonecas de que estamos a falar, uma alma vagueia pelas ruas. Esta alma não se apercebe verdadeiramente da beleza que se esconde no mundo secreto das casas. Esta alma está absorva num conflito, quer desfazer os laços e rasgar o papel, para revelar o que se esconde atrás da porta número vinte e quatro.

O que os ocupantes do número vinte e quatro estão a fazer não tem qualquer importância para nós, mas, se quer mesmo saber, um bebé de dez meses, confuso quanto ao motivo de um objecto grande, verde, cintilante e espinhoso estar no canto da sala, começa a estender a mão para a bola vermelha brilhante que tão comicamente reflecte uma mão rechonchuda e uma boca desdentada que lhe são familiares. Enquanto isso, uma criança de dois anos rebola-se por ali, envolvida em papel de embrulho, banhando-se nas cintilações como um hipopótamo na lama. Ao lado deles, *Ele* põe um colar de diamantes em volta do pescoço Dela, que arqueja, leva uma mão ao peito e abana a cabeça incredulamente, tal como viu fazer às estrelas dos filmes a preto e branco.

Nada disto é importante para a *nossa* história, apesar de significar muito para a pessoa que está parada no jardim da frente da casa número vinte e quatro, a olhar para as cortinas corridas da sala de estar.

Com catorze anos e o coração despedaçado, não consegue ver o que se passa, mas a sua imaginação foi bem acalentada pelo choro diurno de sua mãe, e ele adivinha perfeitamente.

Por isso, levanta os braços bem acima da cabeça, empurra-os para trás e, com toda a sua força, lança-se para a frente e liberta o objecto que tem nas mãos. Dá um passo atrás e fica a observar, sentindo um misto de alegria e amargura, enquanto um peru congelado, com quase sete quilos de peso, parte violentamente a janela da sala de estar do número vinte e quatro. Uma vez mais, as cortinas corridas funcionam como uma barreira entre ele e eles, abrandando o voo da ave em pleno ar. Já sem vida que a possa parar, a ave e as suas vísceras descem a pique em direcção ao soalho de madeira, onde caem, derrapando e rodopiando até atingirem o ponto de aterragem final, por baixo da árvore de Natal. É o presente dele para eles.

Tal como as casas, as pessoas encerram segredos. Por vezes, são os segredos que as habitam, outras vezes são elas que habitam os seus segredos. Envolvem-nos fortemente com os braços, para os manter junto a si, torcendo as línguas em redor da verdade. Mas, com o tempo, a verdade prevalece, erguendo-se acima de tudo o resto. Contorce-se e serpenteia no interior, crescendo até que a língua inchada já não consegue envolver a mentira, até que chegue a altura em que precisa de cuspir as palavras, lançando a verdade pelo ar e despedaçando-a contra o mundo. A verdade e o tempo trabalham sempre lado a lado.

Esta história é sobre pessoas, segredos e tempo. Sobre pessoas que, à semelhança dos embrulhos, escondem segredos, que se cobrem de camadas até aparecerem as pessoas certas, que as podem desembulhar e ver o seu interior. Por vezes, temos de nos dar a alguém para podermos ver quem somos. Por vezes, temos de desembulhar as coisas para chegar ao seu âmago.

Esta história é sobre uma pessoa que descobre quem é. Sobre uma pessoa que é desembulhada e cujo âmago é revelado a todos aqueles que são importantes. E a quem são revelados todos aqueles que são importantes. Mesmo a tempo.

2.

UMA MANHÃ DE MEIOS SORRISOS

O sargento Raphael O'Reilly deslocava-se lenta e metodicamente pela minúscula copa da Esquadra de Howth Garda, ruminando uma e outra vez sobre as revelações dessa manhã. As outras pessoas conheciam-no como Raphie — que se pronunciava *Ray-fee* — e aos cinquenta e nove anos ainda lhe faltava um ano para a reforma. Nunca pensou desejar que esse dia chegasse, até que os acontecimentos dessa manhã o agarraram pelos ombros e o viraram de pernas para o ar, como um globo de neve artificial, e fora obrigado a ver todos os seus preconceitos caírem por terra. A cada passo que dava ouvia o crepitar das suas crenças, outrora sólidas, sob as botas. Que manhã esta, de todas as manhãs e momentos por que tinha passado ao longo dos seus quarenta anos de carreira.

Pôs na caneca duas colheres de café instantâneo. A caneca, com o formato de um carro da polícia de Nova Iorque, tinha-lhe sido trazida dessa cidade por um dos rapazes da esquadra, como prenda de Natal. Fingia que a visão daquele objecto o ofendia, mas, secretamente, achava-a reconfortante. Segurando-a entre as mãos durante a revelação das prendas do «Amigo Secreto» dessa manhã, tinha viajado no tempo, voltando atrás mais de cinquenta anos, até ao dia em que tinha recebido um carro da polícia de brincar como prenda de Natal dos seus pais. Era uma prenda de que gostava muito, até a ter deixado na rua durante a noite e a chuva a ter enferrujado de tal maneira que os polícias foram obrigados à reforma antecipada. Agora segurava a caneca entre as mãos, sentindo que devia fazê-la deslizar pela bancada,

imitando o barulho das sirenes com a boca, antes de a fazer chocar com o pacote de açúcar, que — se ninguém estivesse a ver — iria voltar-se e entornar-se para cima do carro.

Em vez de fazer isso, olhou em volta da cozinha para se assegurar de que estava sozinho e depois pôs meia colher de açúcar na caneca. Um pouco mais confiante, tossiu para disfarçar o som estaladiço que o pacote de açúcar fez quando mergulhou novamente a colher nele e depois atirou rapidamente uma colher cheia até cima para dentro da caneca. Tendo-se safado com duas colheres, tornou-se arrogante e voltou a meter a colher no pacote novamente.

— Pouse a arma, senhor! — disse com autoridade uma voz feminina vinda da porta.

Assustado pela presença súbita, Raphie deu um salto e entornou a colher de açúcar em cima da bancada. Era um choque em cadeia entre a caneca e o pacote de açúcar. Chegara a altura de pedir reforços.

— Foste apanhado com a boca na botija, Raphie. — A sua colega Jessica juntou-se a ele perto da bancada e, bruscamente, tirou-lhe a colher da mão.

Tirou uma caneca do armário — uma caneca da Jessica Rabbit, com os cumprimentos do «Amigo Secreto» — e fê-la deslizar pela bancada em direcção a ele. Os seios voluptuosos da Jessica de porcelana roçaram o carro dele, e o rapazinho que havia dentro de Raphie pensou em como os polícias dentro do carro ficariam contentes.

— Eu também tomo um — disse ela, interrompendo-lhe os pensamentos sobre os polícias que brincavam ao jogo das palmas com a Jessica Rabbit.

— Se faz favor — corrigiu-a Raphie.

— Se faz favor — imitou ela, revirando os olhos.

Jessica era uma recruta nova. Tinha entrado para a esquadra há apenas seis meses e já conquistara a adoração de Raphie, que tinha um fraquinho pela jovem loira e atlética, com vinte e seis anos e um metro e sessenta e quatro, que parecia estar sempre pronta e disponível, independentemente da tarefa que lhe atribuíssem. Achava também que ela contribuía para a equipa totalmente masculina da esquadra com uma energia feminina mais do que necessária. Muitos dos outros homens concordavam, mas não pelos mesmos motivos que Raphie. Ele via-a como a filha que nunca tivera. Ou que tivera, mas perdera. Raphie afastou esse pensamento para longe e ficou a observar Jessica a limpar o açúcar entornado na bancada.

Apesar da energia dela, os seus olhos — amendoados e de um castanho tão escuro que eram quase pretos — escondiam algo, bem no fundo. Como se, recentemente, alguém tivesse acrescentado uma camada de terra fresca por cima e, em breve, as ervas daninhas ou o que quer que estivesse a apodrecer por baixo começasse a aparecer. Os olhos dela encerravam um mistério que ele não tinha grande vontade de desvendar, mas sabia que, fosse o que fosse, fazia com que ela avançasse nos momentos de impasse em que as pessoas mais sensatas tomariam a direcção oposta.

— Não é meia colher que me vai matar — acrescentou ele de mau humor, depois de provar o café, sabendo que bastava mais uma colher para o tornar perfeito.

— Se o facto de teres mandado parar aquele *Porsche* na semana passada quase te matou, é mais que certo que meia colher de açúcar o fará. Estás mesmo a *tentar* ter outro ataque cardíaco?

Raphie corou.

— Foi um *sopro* cardíaco, Jessica, nada mais, e vê se falas baixo — disse, com voz sibilante.

— Devias estar a descansar — disse ela, num tom mais baixo.

— O médico disse que eu estava perfeitamente normal.

— Então o médico precisa de ir ao psiquiatra, tu nunca foste perfeitamente normal.

— Só me conheces há seis meses — resmungou Raphie, passando-lhe a caneca.

— Foram os seis meses mais longos da minha vida — gracejou Jessica. — Mas está bem, usa o mascavado — disse ela, sentindo-se culpada e enfiando a colher no pacote de açúcar mascavado e deitando uma colher cheia no café dele.

— Pão integral, arroz integral, isto e aquilo integral. Lembro-me de uma época em que a minha vida era a cores.

— Aposto que também te lembras de uma época em que conseguias ver os pés quando olhavas para baixo — disse ela, sem pensar duas vezes.

Num esforço para dissolver completamente o açúcar na chávena dele, Jessica mexeu a colher com tanta força que uma espiral de líquido se abriu num remoinho no centro da caneca. Raphie observou a espiral e perguntou a si mesmo onde é que a caneca o levaria se mergulhasse nela.

— Se morreres por beber isto, não deites as culpas para cima de mim — disse ela, passando-lhe a caneca.

— Se isso acontecer, hei-de assombrar-te até ao dia em que morreres.

Jessica sorriu, mas o sorriso nunca lhe chegou aos olhos, desaparecendo algures entre os lábios e o nariz.

Raphie ficou a ver o remoinho que se formara na caneca começar desvanecer-se, a sua hipótese de saltar para outro mundo a desaparecer rapidamente com o vapor que se escapava do líquido. Sim, tinha sido uma manhã dos diabos. Não era grande manhã para sorrisos. Ou talvez fosse. Uma manhã de meios sorrisos, talvez. Não conseguia decidir.

Raphie entregou a Jessica uma caneca de café a esquentar — sem leite e sem açúcar, exactamente como ela gostava — e encostaram-se ambos à bancada, de frente um para o outro, com os lábios a soprar os cafés, os pés assentes no chão, as cabeças nas nuvens.

Raphie estudou Jessica, que tinha as mãos em volta da caneca e olhava fixamente para o café como se fosse uma bola de cristal. Como ele desejava que o fosse, como desejava ter o dom de prever o futuro, para poder impedir que ocorressem tantas das coisas a que eles assistiam. Jessica tinha as maçãs do rosto pálidas e o ligeiro círculo avermelhado em volta dos olhos era o único indício da manhã que tinham tido.

— Que manhã, hã, miúda?

Os seus olhos amendoados brilharam, mas ela conteve-se e os olhos endureceram. Em resposta, acenou e tomou um gole de café. Pela sua tentativa de esconder um esgar, Raphie percebeu que estava a ferver, mas ela bebeu mais um gole, em desafio. Fazendo frente até ao café.

— No primeiro dia de Natal em que estive de serviço, passei o turno inteiro a jogar xadrez com o sargento.

Por fim, Jessica falou.

— Sorte a tua!

— Pois — acenou ele, perdido em memórias. — Mas nessa altura não via as coisas assim. Esperava ter de enfrentar muita acção.

Quarenta anos mais tarde tinha recebido o que desejara e agora queria devolvê-lo. Queria devolver o presente. Queria um reembolso do seu tempo.

— Ganhaste?

Raphie acordou do devaneio.

— Ganhei o quê?

— O jogo de xadrez.

— Não — disse, rindo-se. — Deixei o sargento ganhar.

Jessica franziu o nariz.

— A mim não me apanhavas tu a deixar-te ganhar.

— Não tenho a mais pequena dúvida.

Adivinhando que a bebida tinha atingido a temperatura certa, Raphie bebeu finalmente um gole de café e, subitamente, agarrou-se à garganta, tossindo e lançando perdigotos, fingindo que estava a asfíxiar e sabendo imediatamente que, apesar dos seus melhores esforços para levantar o humor, era uma brincadeira de mau gosto.

Jessica limitou-se a levantar uma sobranceira e continuou a beber o café.

Ele riu-se e depois o silêncio continuou.

— Vais ficar bem — garantiu-lhe.

Jessica voltou a acenar e respondeu abruptamente, como se já soubesse.

— Claro. Telefonaste à Mary?

Ele abanou a cabeça.

— Vou ligar agora mesmo. Está em casa da irmã. — Uma mentira sazonal, uma mentira inofensiva para um Natal inofensivo. — E tu, telefonaste a alguém?

Ela abanou a cabeça, mas desviou o olhar, não adiantando mais nada, nunca adiantando mais nada.

— Tu, eh... contaste-lhe?

— Não. Não.

— Vais contar?

Ele olhou novamente para o infinito.

— Não sei. Tu vais contar a alguém?

Ela encolheu os ombros, com uma expressão tão impenetrável como sempre. Acenou em direcção ao fundo do corredor, à sala de detenção.

— O Rapaz do Peru ainda ali está à espera.

Raphie suspirou.

— Que desperdício... — Se da vida, se do seu próprio tempo, não especificou. — Ele é daqueles a quem fazia bem saber.

Jessica fez uma pausa antes de beber mais um gole e fixou nele os olhos amendoados, quase negros, espreitando por cima do rebordo da caneca. A sua voz estava tão firme como a fé num convento de freiras, tão decidida e vazia de qualquer dúvida que ele não teve de questionar a sua certeza.

— Conta-lhe — disse ela, firmemente. — Se não contarmos a nenhuma outra pessoa das nossas vidas, pelo menos vamos contar-lhe a ele.